

## Diário

**Ivone Coelho & Vera Borges**

*In Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais*

ISBN 978-989-20-9853-1

### Como citar

Coelho, I. & Borges, V. (2019). Diário. In A. Coutinho & N. Jorge (Cords.), *Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais* (pp. 47-54). NOVA FCSH-CLUNL.

<https://novaresearch.unl.pt/en/publications/ensinar-géneros-de-texto-conteúdos-estratégias-e-materiais>

# DIÁRIO

IVONE COELHO & VERA BORGES<sup>17</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO<sup>18</sup>

### Caracterização: aspetos contextuais

Os diários são textos em que alguém – geralmente um autor reconhecido – apresenta os seus registos e reflexões sobre ocorrências do seu dia a dia, acontecimentos de que teve conhecimento, aspetos da sua intimidade, e outros. São textos escritos durante uma longa extensão de tempo, nos quais o autor terá como objetivo a construção de uma imagem ao expor aspetos da sua vida e deixá-los como legado. Associados sobretudo à atividade literária ou pessoal, são textos escritos em formato próprio (o diário) ou publicados e divulgados em livro.

De acordo com Martins & Azevedo (2016), “O diário concretiza-se como um relato fracionado, escrito retrospectivamente, e com um curto espectro de tempo entre o acontecido e o seu registo, em que um *eu*, com vida extratextual, comprovada ou não, anota periodicamente, com o auxílio de datas, um conteúdo muito variável, mas que singulariza e revela, por escolhas particulares, um *eu narrador*, sempre muito próximo dos factos”. Nele predominando o registo das vivências e sentimentos de um *eu* face ao mundo que o rodeia, e possuindo, por esse motivo, um carácter intimista e confidente. A identidade entre autor, narrador e protagonista é uma marca do género.

As temáticas andam à volta, predominantemente, das vivências do *eu*, das relações do *eu* com os outros, de testemunhos de situações marcadas por contextos históricos, políticos e sociais em que o *eu* se insere, de reflexões sobre problemáticas individuais, de confissões e confidências, entre outras. Trata-se de um género textual condicionado por aspetos como a necessidade de afirmação pessoal e / ou a situação de isolamento do escritor.

---

<sup>17</sup> Ivone Coelho é professora na Escola Secundária Jorge Peixinho – Montijo. Vera Borges é professora no Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos – Vila Franca de Xira (Grupo 300, em mobilidade estatutária na DGEstE).

<sup>18</sup> Referências bibliográficas: Brauer-Figueiredo & Hopfe (org.), 2002; Coelho, 1987; Coutinho, 2004; Coutinho, 2007; Coutinho, 2012; Coutinho *et al.*, 2013; Guimarães, 2006; Hanenberg, 2002; Jorge, 2014; Lejeune, 1975; Lejeune, 2005; Lejeune & Bogaert, 2006; Machado & Bezerra (org.), 2002; Marcushi, 2008; Marcushi, 2013; Martins & Azevedo, 2016; Pereira & Cardoso (coord.), 2013; Muniz-Oliveira, 2013; Paschen, 2002; Pullig Bastos, 2016.

O *eu* é uma entidade que se encontra numa situação unilateral de comunicação, sendo que o destinatário é um e o mesmo sujeito, não existindo, conseqüentemente, reação de interlocutores, porque, muitas vezes, o diário é escrito em isolamento, tendo um estatuto de *confidencialidade*.

Como testemunho do quotidiano, o diário assume, por vezes, algumas descontinuidades, em relação à narração intimista dos factos, desejos e emoções do *eu*, adquirindo interesse nacional ou internacional, enquanto testemunho histórico-político, social e cultural. São disso exemplos os diários de Miguel Torga, Sebastião da Gama, Anne Frank, José Saramago (*Cadernos de Lanzarote*), entre outros.

Os diários são textos escritos durante um longo período de tempo, apresentando-se como um projeto discursivo do autor, que o apresenta explicitamente, situando-se num lugar social – que pode ser a instituição literária (no caso dos diários produzidos por escritores) ou a das interações quotidianas (no caso dos diários escritos por não especialistas).

### Caracterização: aspetos organizacionais

O diário diferencia-se da autobiografia na *perspetiva retrospectiva da narração*. No diário, o relato dos factos é retrospectivo; contudo, a natureza da matéria manipulada pelo *eu* difere da matéria do escritor das demais formas autobiográficas, pois, nestas, o assunto é conhecido pelo autor, tornando possível a sua evocação. O mecanismo do escritor de diários mantém apenas uma conexão imediata, mas sem deixar de ser retrospectiva, com a realidade descrita.

Desta forma, o diário apresenta um conjunto de particularidades que o definem ao nível do plano do texto, pois tende a apresentar-se fragmentado, criando a ilusão da espontaneidade e do imediatismo, numa tentativa de racionalização da experiência do quotidiano.<sup>19</sup>

Em termos formais, os diários possuem um plano de texto fixo (são textos divididos em blocos textuais autónomos, comumente designados *páginas de diário*). Em geral, as *páginas de diário* são compostas por data, saudação inicial (vocativo), bloco textual principal (concretizado através de estruturas sequenciais diversas, com eventual predomínio para a narrativa, em que se encaixam sequências descritivas, dialogais e argumentativas) e despedida. As datas que aparecem nas anotações deste género, além de tentativa de organização de uma possível existência, visam a ordenação dos acontecimentos dentro da narrativa, criando um elo que une, muitas vezes, acontecimentos sem nenhuma ligação entre si.

---

<sup>19</sup> Hanenberg (2002) defende que este género textual se assume através da qualidade de orientação no caos e no labirinto das experiências humanas, constituindo uma resposta à fragmentação da vida moderna.

## Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- O discurso na 1.<sup>a</sup> pessoa é abundante, comprovando o predomínio do *eu* (presente ou subentendido). A presença e a subjetividade do enunciador são marcadas por: formas verbais na 1.<sup>a</sup> pessoa, determinantes e pronomes possessivos (**ex.:** *meu/minha*), vocabulário com sentido conotativo e emotivo (frequentemente reforçado por meio de recursos estilísticos), nomes abstratos, adjetivação expressiva, interjeições, pontuação sugestiva (frases do tipo exclamativo e interrogativo, suspensões marcadas pelas reticências), verbos do domínio do *ser* (definição/permanência) e do *estar* (caracterização do momento), verbos epistémicos (**ex.:** *achar, acreditar, pensar*), verbos perceptivos (**ex.:** *ouvir, sentir, ver*); verbos volitivos (**ex.:** *desejar, esperar, querer*), verbos de rememoração (**ex.:** *recordar-se, lembrar-se*). Tais marcas evidenciam uma visão unilateral dos factos, que convergem para a pessoa do autor.
- Ainda que recorra ao uso da 1.<sup>a</sup> pessoa, conferindo a este registo um tom confessional e subjetivo, a narrativa é intercalada com comentários, análises e reflexões, frequentemente apresentadas na 3.<sup>a</sup> pessoa.
- A prosa narrativa decorre da necessidade de relatar acontecimentos passados e manifesta-se no recurso ao pretérito perfeito simples, que tem como função o relato de acontecimentos passados. Há indicação da data dos factos e da sequência cronológica em que se desenvolvem.
- O presente do indicativo surge associado a inferências e à formulação de observações / comentários. Os factos apresentados fazem parte da experiência do quotidiano do autor e estão ligados ao seu projeto discursivo.
- O carácter autoral inscreve nos textos o *aqui e agora do sujeito da enunciação*, apresentando-se a dêixis como marca organizadora dos discursos. A dêixis pessoal, espacial e temporal organiza o discurso e localiza os acontecimentos no espaço e no tempo (determinando as características do momento em que se escreve). A dêixis reflete-se ainda quer na escrita datada, quer na presença do vocativo e de formas de despedida, quer ainda na presença de nomes próprios (as pessoas e os locais referidos são identificados pelo nome próprio ou por uma abreviatura).
- O imediatismo do diário proporciona um estilo pouco elaborado.

## EXEMPLOS DE PÁGINAS DE DIÁRIOS

**Texto A**

**Évora, 4 de Julho (domingo)**

Parece que o meu colega R. varejou, a fogo cerrado, o batalhão dos examinandos de Latim. Desconfio que se desnorteou. Lembra-me a propósito uma história carimbada de moral.

Quando eu era estudante, a música de guitarras era uma exigência como o tabaco, o bilhar e as demais supérfluas necessidades de moço. Precisei de uma viola, não tinha dinheiro. Um dia descobri à porta de um homenzinho de Melo uma coisa em feitto de violão. Os garotos socavam os tampos como a um tambor. Não tinha cordas. Não tinha cravelhas. Não tinha muitos dos graus da escala. Apesar disso era uma viola. Falei ao homem:

- Quer você vender isso?

Tomou o objecto nas mãos, estudou-o como surpreso da sua existência.

- Os garotos têm dado cabo disto. Pensava em mandar compor.
- Mas quer vender?

Foi dentro guardar a preciosidade, voltou impando de importância. A verdade é que em tempos tocara viola numa tuna, gostaria de recordar.

- Mas vende?
- Já vê, aquilo custou no tempo do barato coisa para duzentos mil réis. Menos de cento e cinquenta, não vale a pena.

A viola continuou em tambor dos garotos. Vi-a um dia sem braço, mais tarde com um tampo partido e daí em diante nunca mais nos encontrámos. Uma súbita importância imprevista, por haver quem reparasse no traste, entonteceu o homem. Tinha um objeto de valor. Largá-lo de mão era deitar a perder um instante de peito inchado. Ficou com a viola, a viola seguiu o seu destino de cacos, mas o homem teve um momento alguém a seus pés. Ah, valorizarmo-nos nem que seja com um crime...

Porque é que são geralmente os professores ignorantes os que mais exigem?

Ferreira, Vergílio (2010). *Diário Inédito*, 2ª ed. Lisboa: Quetzal, pp. 97-98.

Local, data [1948]

### Marcas linguísticas

- 1.ª pessoa (valor deítico)
- Presente do indicativo (valor deítico – tempo da enunciação)
- Pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito (tempo dos acontecimentos relatados - anteriores ao momento da enunciação)
- Localizadores temporais (situam no tempo os acontecimentos narrados)

### Aspectos organizacionais

- Sequência narrativa
- Situação inicial [Sequência dialogal encaixada em sequência narrativa]
- Complicação
- Resolução

- Reflexão

**Texto B**

**11 de Agosto**

Temos um cão em casa, vindo não se sabe donde. Apareceu assim, sem mais, como se andasse à procura de donos e finalmente os tivesse encontrado. Não tem maneiras de vadio, é novinho e nota-se que foi bem ensinado lá onde viveu antes. Assomou à porta da cozinha quando almoçávamos, sem entrar, olhando apenas. Luís disse: “Está ali um cão.” Movia levemente a cabeça a um lado e a outro, como só sabem fazê-lo os cães: um verdadeiro tratado de sedução disfarçada de humildade. Não sou entendido em bichos caninos, sobretudo se pertencem a raças menos comuns, mas este tem todo o ar de ser cruzamento de cão-d’água e fox-terrier. Se não aparecer por aí o legítimo dono (outra hipótese é que o animal tenha sido abandonado, como acontece tantas vezes neste tempo de férias), vamos ter de levá-lo ao veterinário para que o examine,

Local, data [1993]

### Marcas linguísticas

- 1.ª pessoa (valor deítico)
- Presente do indicativo (valor deítico - tempo da enunciação)
- Deíticos temporais e espaciais
- Pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito (tempo dos acontecimentos relatados - anteriores ao momento

vacine e classifique. E há que dar-lhe um nome: já **sugeri** **Pepe**, que, como se sabe, **é** diminutivo espanhol de José... **Amanhã** será lavado e espulgado. **Ladra** baixinho, **por enquanto**, como quem não quer incomodar, mas **parece** ter ideias claras quanto às suas intenções: a minha casa **é esta**, **daqui** não **saio**.

Saramago, José (1994). *Cadernos de Lanzarote, Diário – I*. Lisboa: Caminho, pp. 100-101.

da enunciação)

#### Aspetos organizacionais

- Sequência narrativa
- Sequência dialogal
- Sequência descritiva (alternância de tipos de estruturas sequenciais)

### Texto C

19 de fevereiro

Hoje houve um debate sobre droga lá na escola e fiz uma triste figura. Ainda coro, só de recordar. E tudo por causa da minha fraca sabedoria a História.

O encontro foi na sala polivalente, a minha turma foi uma das selecionadas, veio um psicólogo convidado e outra pessoa que não cheguei a perceber quem era.

Primeiro falaram um bocado, suponho que disseram as coisas do costume, mas eu não ouvi porque não despregava os olhos do relógio. Se o debate animasse, havia ordens para não interromper; caso contrário acabava a sessão e nós ao último tempo tínhamos teste de História. Não me serviu de nada tentar convencer a professora a dispensar-me, porque era um teste de revisão, só sobre a matéria do primeiro período. Ora o pouco que sabia já esqueci. Estava a rezar a todos os santos para a sessão animar. Olhava para o relógio, olhava para os meus colegas a ver se adivinhava qual deles faria perguntas, também olhava para a malta da outra turma a ver quem tinha cara de ir meter o bedelho. Por azar, pareciam todos hipnotizados. Se tivessem selecionado a minha turma do ano passado, nunca mais se calavam. Mesmo que só dissessem baboseiras, haviam de prolongar a sessão para evitar o teste. De facto, as boas turmas têm muitos inconvenientes!

O tempo ia passando, os psicólogos já não sabiam que mais haviam de dizer, só houve duas ou três perguntas bastantes chochas. Então resolvi encher-me de coragem e perguntei a primeira coisa que veio à cabeça:

– Quando uma pessoa experimenta droga por brincadeira e afinal gosta, o que deve fazer?

Ainda tremo quando revejo a sala polivalente em peso a olhar para mim. Fiquei roxa até aos cabelos e com a atrapalhão vieram-me as lágrimas aos olhos. A esta hora toda a gente lá na escola deve estar convencida de que experimentei droga por causa do acidente\* ou por outro motivo qualquer. Se a diretora de turma estivesse presente, já sei que tínhamos programa, pois ela ia logo chamar-me para uma conversa em privado e depois era capaz de chamar a minha mãe. Como faltou talvez me safe.

Do teste de História já me safei, pois a minha pergunta funcionou como pedrada no charco e nunca mais se calaram. Ao menos isso!

Magalhães, Ana Maria e Alçada, Isabel (2003). *Diário de Camila*, 4.ª edição. Lisboa: Caminho

\* Uma queda que obrigou a uma operação ao joelho.

#### Aspetos organizacionais

- Data
- Relato de factos e emoções experimentadas (a autora / narradora da página do diário não se encontra na escola, no momento em que narra o episódio)
- . Situação inicial
- . Nó desencadeador
- . Reações
- . Situação final
- . Moral (balanço)

#### Marcas linguísticas

- Presente do indicativo com valor deítico
- Pretérito perfeito simples do indicativo
- 1.ª pessoa do singular e 1.ª pessoa do plural (*eu* e *os outros – nós*)
- Deíticos
- Estilo pouco elaborado (expressões da cultura popular para evocar a comparação)

## PERCURSOS DIDÁTICOS

### Produção de textos diarísticos (Ensino Básico, 8.º ano)

1. Procede-se à apresentação geral do trabalho a realizar (produção de textos pertencentes ao género diário).
2. Os alunos da turma são divididos em grupos de trabalho, sendo facultados a cada grupo três textos:

- *Grutas de Lascaux, 11 de junho de 1958* (Miguel Torga, *Obra Completa. Diário (volumes V a VIII)*, Círculo de Leitores);
- *Página de um diário, 19 de fevereiro* (Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, *Diário de Camila*, Caminho);
- *Um poeta na turma* (Sebastião da Gama, *Diário (1948-1949)*, Ática)

3. Explica-se o trabalho a realizar: leitura silenciosa dos textos, seguida do registo de respostas à questão seguinte – quais são as características (textuais e gramaticais) comuns aos três textos?
4. Sistematização das regularidades (trabalho com o grupo turma): a reflexão conjunta e a discussão das informações recolhidas pelos grupos é norteadada por um conjunto de questões, simplificadas, que pretendem mobilizar/despertar os alunos para as características globais do diário.

#### Guião para a discussão conjunta do trabalho realizado em grupo

- Quem escreve? E para quem escreve?
- Qual é a intenção do narrador ao relatar os factos e as emoções experienciadas (ou ficcionadas)?
- Que assunto é abordado?
- E a estrutura organizacional? Como se apresenta a sequência dos factos narrados?
- Que marcadores linguísticos/ gramaticais são usados?
- Em que pessoa o relato é feito? Que tempo verbal é usado? Porquê?
- Quais são as expressões de tempo e de espaço? Conferem veracidade ao relato?
- Como é que são utilizados os sinais de pontuação? Quais os efeitos de sentido que são produzidos?
- E a linguagem utilizada nos textos? É variada? É formal ou espontânea?
- O que é que parece ser a finalidade do género?

5. Uma vez apuradas as características contextuais e organizacionais dos textos, os alunos são convidados a produzir, individualmente, um texto do género diário. Para tal, são propostos dois exercícios distintos: o primeiro prende-se com a planificação e o segundo tem que ver com a revisão do texto produzido.



Produção de página de diário – Planificação do texto	
Data	
Local (opcional)	
Fórmula de saudação (opcional)	
Tópicos abordados	
Tipos de estrutura (narrativa, descritiva, dialogal)	
Características linguísticas <ul style="list-style-type: none"> <li>• Léxico</li> <li>• Deíticos</li> <li>• Tempos verbais</li> <li>• Localizadores temporais</li> </ul>	
Assinatura (opcional)	

Produção de página de diário – Revisão do texto	
Referência ao local e à data	
Recurso à 1.ª pessoa <ul style="list-style-type: none"> <li>• Formas verbais</li> <li>• Pronomes pessoais (<b>ex.:</b> <i>eu, nós</i>)</li> <li>• Determinantes e / ou pronomes possessivos (<b>ex.:</b> <i>meu</i>)</li> </ul>	
Recurso à 2.ª pessoa (diário como confidente) <ul style="list-style-type: none"> <li>• Formas verbais</li> <li>• Pronomes pessoais (<b>ex.:</b> <i>tu</i>)</li> <li>• Determinantes e/ou pronomes possessivos (<b>ex.:</b> <i>teu</i>)</li> </ul>	
Recurso a deíticos <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pronomes e/ou determinantes demonstrativos (<b>ex.:</b> <i>este, esse, aquele</i>)</li> <li>• Advérbios com valor de lugar (<b>ex.:</b> <i>aquí, ali, cá, lá</i>)</li> <li>• Advérbios/expressões com valor de tempo (<b>ex.:</b> <i>agora, ontem, neste momento</i>)</li> </ul>	
Recurso a localizadores temporais, que situam os acontecimentos relatados no tempo ( <b>ex.:</b> <i>um dia, então, algum tempo depois</i> )	
Recurso a linguagem familiar e a vocabulário simples	
Relato de factos e emoções experimentadas / sentimentos	
Uso de pontuação adequada aos diferentes tipos de enunciados	
Correção ortográfica verificada através da consulta do dicionário	
Assinatura da página do diário	



## Análise comparativa de excertos de diários (Ensino Secundário)

1. São disponibilizados aos alunos dois textos de diários distintos (**textos A e B**) e uma grelha de análise em que são especificadas as marcas em análise.
2. Em pares, os alunos leem os textos e analisam-nos, preenchendo a grelha.
3. Os alunos partilham o resultado do seu trabalho com a turma, fundamentando as opções tomadas.
4. Preenche-se, em sistematização, a grelha de análise com os contributos apresentados, interpretando-se as marcas linguísticas, estruturais e temáticas em função da especificidade do género *diário*.

### Grelha de análise comparativa de excertos de diários (preenchida)

		Texto A	Texto B		
Produtor textual		Vergílio Ferreira, escritor	José Saramago, escritor		
Objetivo do texto		Narrar acontecimentos, refletir sobre eles; construir uma imagem	Registar um acontecimento, narrá-lo; construir uma imagem		
Título do diário		<i>Diário Inédito</i>	<i>Cadernos de Lanzarote</i>		
Tema		Ocorrência do quotidiano	Ocorrência do quotidiano		
Estrutura	Plano global do texto	Local e data Corpo do texto	Local e data Corpo do texto		
	Estruturas sequenciais	Narrativa	<i>“Parece que o meu colega R varejou [...] mais exigem.”</i>	<i>“Apareceu assim [...] um verdadeiro tratado de sedução disfarçada de humildade.”</i>	
		Descritiva	<i>“uma coisa em feitio de violão. [...] Apesar disso era uma viola.”</i>	<i>“Não tem maneiras de vadio, é novinho”</i>	
		Dialogal	<i>“Falei ao homem: – Quer você vender isso?”</i>	<i>“Luís disse: “Está ali um cão”. ”</i>	
		Argumentativa	<i>“– Quer você vender isso? – Os garotos têm dado cabo disto. Pensava em mandar compor.”</i>	<i>“Não sou entendido em bichos caninos, sobretudo se [...], mas este tem todo o ar de ser”</i>	
Marcas linguísticas	Pessoa gramatical	1. <sup>a</sup> pessoa do singular	1. <sup>a</sup> pessoa do plural		
	Tempos verbais	Modo indicativo <ul style="list-style-type: none"> <li>• Presente: <i>“parece”, “desconfio”</i></li> <li>• Pretérito perfeito simples: <i>“varejou”, “desnorteou”</i></li> <li>• Pretérito imperfeito: <i>“era”, “tinha”</i></li> </ul>	Modo indicativo <ul style="list-style-type: none"> <li>• Presente: <i>“temos”, “sabe”</i></li> <li>• Pretérito perfeito simples: <i>“apareceu”, “viveu”</i></li> <li>• Pretérito imperfeito: <i>“movia”</i></li> </ul> Modo conjuntivo <ul style="list-style-type: none"> <li>• Presente: <i>“examine”</i></li> </ul>		
		Deíticos	personais	<i>“Desconfio”, “lembra-me”</i>	<i>“Temos”, “almoçávamos”</i>
			espaciais		<i>“Lá”, “ali”, “aí”, “daqui”</i>
	temporais			<i>“Antes”, “amanhã”, “já”,</i>	
	Localizadores temporais	<i>“Um dia”, “mais tarde”</i>	<i>“neste tempo”</i>		